8

ESQUELETO

DAS

FACULDADES E ORIGEM DAS IDÉAS

DO

ESPIRITO HUMANO

QUE

OFFERECE A SEOS DISCIPULOS

O

Conego João Antonio dos Santos Rego
D João Bispo 1865
PROFESSOR DE PHILOSOPHIA DO SEMINARIO
EPISCOPAL DE MARIANNA.

Pertence Pertence

MARIANNA,
&
TYPOGRAPHIA EPISCOPAL
RUA DA OLARIA N. 34.

1847.

João Raymundo Ribeiro Mouro
João Raymundo Ribeiro Mouro

AO PUBLICO.

Havendo observado que todos os Compendios de Philosophia tradão as materias desta sciencia concordemente menos na parte psycologica, e que o Estudante do rançoso Genuense ou do velho Storchenau para ser matriculado nas nossas Academias deve dar seos 5000 rs. por hum Compendio do Geruzez ou de Ponelle só para apprender a theoria das Faculdades da alma, resolvi-me a publicar este "pequenino" trabalho, aonde alguma cousa ha minha. Conheço a insignificancia do trabalho, não tive em vista a gloria á que em minha consciencia não me julgo com direito, offerecendo a meos Discipulos este opusculo.

D. João Bispo hoje

JOÃO ANTONIO DOS SANTOS. 1865

De

João Raymundo Mouraõ

ESQUELETO

DAS FACULDADES E ORIGEM DAS IDEAS DO ESPIRITO HUMANO.

FACULDADES.

Intelligencia, Sensibilidade, Vontade.

Ninguem duvida que a alma seja hum ente dotado de força, que he o que se denomina por sua actividade; e d'esta capacidade segundo á qual he ella impressionada pelos objectos, que para assim dizer, despertão a sua actividade e faz a sua passibilidade

As faculdades da alma se determinão segundo os factos diversos, que se lhe attribuem, ou que ella produz: e ao mesmo poder ou faculdade se referem todos os factos analogos.

A actividade se apresenta de tres modos differentes, a saber, o espirito percebe ou conhece os objectos; experimenta prazer ou pena com a sua presença; abraça-os finalmente ou rejeita-os. Estes tres modos de obrar determinão na unidade da actividade tres faculdades distinctas, que são, a Intelligencia, a Sensibilidade, e a Vontade.

Não temos considerado a actividade como huma faculdade em particular, por quanto ella entra em todos os factos proprios da alma, que he activa, quando conhece, he activa quando sente; he activa finalmente quando quer. A actividade he o principio de todas as faculdades da alma, e não huma faculdade em especie: he hum attributo que convem a cada huma das faculdades.

A Intelligencia tem o primeiro lugar na genealogia das faculdades. Por quanto, ainda que a impressão dos objectos na alma seja primeira que qualquer advertencia do espirito, com tudo, como diz o antigo proloquio *Ignoti nulla cupido*, não ha sentimento, não ha prazer ou pena sem o conhecimento do objecto que o produz; e por consequencia não ha tambem vontade. E por que os sentimentos são os motivos que allicião a vontade, segue-se que esta deve occupar o primeiro lugar depois da sensibilidade ou o terceiro na ordem genealogica.

A Intelligencia.

Consciencia, Sentidos e Entendimento.

A Intelligencia se manifesta de diversos modos: assim a consideramos em diversas faculdades. Pois a Intelligencia não só conhece o eu e suas affeições, o que se denota pela expressão, mundo interno. mas tambem aquellas cousas que não são o eu e suas affeições, isto he, o mundo sensivel ou physico, e o mundo metaphysico que abrange nos seos dominios as cousas insensiveis.

A Intelligencia pois, em quanto nos dá o conhecimento do eu e suas affeições ou do mundo interno, chama-se consciencia: em quanto porem nos põe em relação com os objectos que não são o eu e suas affeições, isto he, com o mundo externo, chama-se percepção externa, que dirigindo-se ao mundo physico, toma o nome de faculdade dos sentidos ou simplesmente os sentidos, e levando-nos ao conhecimento do

mundo metaphysico, chamaremos intelligencia superior ou entendimento.

A Consciencia, os Sentidos, e o Entendimento põem o espirito ao liminar dos conhecimentos humanos; mas estas faculdades pouco adiantarião, nem farião a conquista das verdades sublimes, se não fossem auxiliadas pela Attenção e Abstracção, se a Generalisação não universalisasse seos factos, e se a Razão não estendesse seos dominios por meio de suas relaçoes; e se, finalmente, a Associação de ideas, e a Memoria não guardassem suas bellas conquistas, que subministrão á Imaginação elementos para novas creações.

Attenção.

A Attenção he a direcção da actividade para qualquer objecto.

Esta faculdade he a vida de toda a intelligencia; por ella he que nós nos inteiramos do estado da nossa alma e do mundo externo. Se a alma não dirige a sua energia aos objectos que a tocão, estes apenas lhes deixão leves vestigios. A falta de attenção he que constitue a fraqueza dos espiritos vulgares e superficiaes; e põe o pensamento a mercê de todos esses falsos luzeiros, desses fragmentos de verdades, ou desses erros que penetrão a intelligencia, servindo de base para falsos juizos. A attenção pelo contrario reune todas as forças da intelligencia, garante os factos de todas as demais faculdades, e só se distingue dellas como o meio necessario para o seo desenvolvimento e perfeição. Por isso a não collocaremos como huma faculdade distincta.

A Reflexão he huma attenção continuada; e a Comparação he a Attenção levada a dous ou mais objectos ao mesmo tempo.

Abstracção.

A Abstracção he a faculdade que separa aquellas cousas que estão juntas.

A Attenção, e a Abstracção são duas faculdades inseparaveis e auxilião-se reciprocamente, por quanto o espirito sendo limitado, não pode abranger muitos objectos; necessita concentrar-se em huns retirando-se de outros.

Generalisação.

A Generalisação he a faculdade do espirito pela qual estendemos huma idea ou noção a huma classe inteira de entes ou de factos.

Abstrahir e generalisar são pois duas operações distinctas. Pode-se abstrahir huma quantidade sem á estender alem do objecto de que foi tirada. Se faltasse a Intelligencia a faculdade de generalisar, para ella não haverião se não individuos, toda a percepção seria individual. He pela generalisação que se sujeitão os individuos a huma classe, e os factos a huma ordem; he por ella que se formão as ideas ou noções geraes.

Razão.

A Razão he a faculdade pela qual o espirito descobre o nexo ou relação das cousas. O acto ou producto desta faculdade unindo ou separando dous termos da relação chama-se juizo; e toma o nome de

raciocinio, quando o espirito só descobre a conveniencia ou repugnancia dos dous termos depois de conhece-la com hum terceiro.

Esta faculdade depende das que temos descripto e de hum modo particular, da comparação que une os objectos de que a razão descobre as relações.

Memoria

A Memoria he a faculdade de conservar ou reconhecer as noções do espirito.

A alma não só tem o deposito, o thesouro dos conhecimentos adquiridos, ou sejão individuaes, ou percepções sensiveis; mas tambem das ideas metaphysicas, moraes e geraes; em summa, os productos de todas as faculdades do espirito. He por esta razão que lhe damos o lugar que occupa na arvore psycologica. Com tudo a memoria não he tão independente que não tire o seo poder da attenção e do exercicio que a fortifição.

Associação de ideas

A Associação de ideas he a faculdade pela qual o espirito une as ideas ou imagens.

A associação que pode ser espontanea ou natural, ou voluntaria, produz-se em virtude de relações naturaes ou arbitrarias; pelo que duas ideas associar-se-hão, se os seos objectos forem contiguos no mesmo espaço ou tempo; se representão relações de semelhança ou differença, ou se lhes ligamos o mesmo sentimento; ou finalmente se as palavras que as significão tem huma forma anàloga.

A Reflexão he huma attenção continuada; e a Comparação he a Attenção levada a dous ou mais objectos ao mesmo tempo.

Abstracção.

A Abstracção he a faculdade que separa aquellas cousas que estão juntas.

A Attenção, e a Abstracção são duas faculdades inseparaveis e auxilião-se reciprocamente, por quanto o espirito sendo limitado, não pode abranger muitos objectos; necessita concentrar-se em huns retirando-se de outros.

Generalisação.

A Generalisação he a faculdade do espirito pela qual estendemos huma idea ou noção a huma classe inteira de entes ou de factos.

Abstrahir o generalisar são pois duas operações distinctas. Pode-se abstrahir huma quantidade sem á estender alem do objecto de que foi tirada. Se faltasse a Intelligencia a faculdade de generalisar, para ella não haverião se não individuos, toda a percepção seria individual. He pela generalisação que se sujeitão os individuos a huma classe, e os factos a huma ordem; he por ella que se formão as ideas ou noções geraes.

Razão.

A Razão he a faculdade pela qual o espirito descobre o nexo ou relação das cousas. O acto ou producto desta faculdade unindo ou separando dous termos da relação chama-se juizo; e toma o nome de

raciocinio, quando o espirito só descobre a conveniencia ou repugnancia dos dous termos depois de conhece-la com hum terceiro.

Esta faculdade depende das que temos descripto e de hum modo particular, da comparação que une os objectos de que a razão descobre as relações.

Memoria

A Memoria he a faculdade de conservar ou reconhecer as noções do espirito.

A alma não só tem o deposito, o thesouro dos conhecimentos adquiridos, ou sejão individuaes, ou percepções sensiveis; mas tambem das ideas metaphysicas, moraes e geraes; em summa, os productos de todas as faculdades do espirito. He por esta razão que lhe damos o lugar que occupa na arvore psycologica. Com tudo a memoria não he tão independente que não tire o seo poder da attenção e do exercicio que a fortifição.

Associação de ideas

A Associação de ideas he a faculdade pela qual o espirito une as ideas ou imagens.

A associação que pode ser espontanea ou natural, ou voluntaria, produz-se em virtude de relações naturaes ou arbitrarias; pelo que duas ideas associar-se-hão, se os seos objectos forem contiguos no mesmo espaço ou tempo; se representão relações de semelhança ou differença, ou se lhes ligamos o mesmo sentimento; ou finalmente se as palavras que as significão tem huma forma anàloga.

Imaginação.

A Imaginação ou phantasia he a faculdade que reune em hum objecto novo ideas dispersas, como em hum typo novo traços tirados de diversas figuras.

He por esta faculdade que se formão os mais sublimes e os mais extravagantes compostos, que não tem typo exterior na natureza, nem outra origem tem o bello ideal e o grutesco.

A Sensibilidade.

Sob o nome de sensibilidade podem-se confundir tres ordens de factos distinctos, a saber: 1.º a impressão que os objectos fazem ao espirito; este facto chama-se sensação: 2.º o conhecimento do objecto: 3.º o prazer ou pena que sente a alma pela presença ou sensação do objecto. He para denotar este ultimo facto, ou a faculdade que o produz, que consagramos a palavra Sensibilidade. Por tanto Sensibilidade he a faculdade de gozar os prazeres ou penas tanto do corpo como do espirito e coração.

A alma não só experimenta huma impressão agradavel ou desagradavel por occasião de causas exteriores, obrando sobre os orgãos, segundo a natureza ou energia dessas causas, e esta sensibilidade chama-se physica; mas tambem sente prazeres ou dores pelas percepções do bello, do justo e seos contrarios, e dos actos do entendimento, e he a sensibilidade moral e intellectual.

A' sensibilidade se reduzem todos os affectos e paixões;

os sentimentos do prazer e da pena lhes servem de base.

Com quanto a intelligencia seja primeira a despertar a sensibilidade, esta tambem reage sobre aquella, e a vontade exerce igualmente poderosa acção sobre os phenomenos da sensibilidade.

A dôr physica tolhe, e até ás vezes suspende a existencia das faculdades da intelligencia; altérão as paixões o juizo, apagão ou avivão, conforme as circunstancias, a luz do entendimento.

Igualmente influem estas mesmas cousas sobre a vontade, e levão a actos que a razão desapprova, e ás vezes a sublimes sacrificios, impellem-nos para o mal ou ajudão para o bem, segundo a direcção dada ás forças da alma.

Obra a intelligencia directamente sobre a sensibilidade physica; chega ás vezes a suspender o exercicio desta, e por isso quando o espirito se acha fortemente preoccupado, quasi que completamente não sentimos as causas externas, que n'outros casos despertarião em nós a dôr ou o prazer: no extase, por exemplo, phenomeno raro, posto que real, a sensibilidade resiste ás mais fortes sollicitações. Tambem muitas vezes a intelligencia redobra a acção das causas physicas, chegando até ás vezes a suppri-las; assim vem a dôr a ser mais ou menos violenta na razão da idea que della haviamos feito, e ás vezes só a idea basta para a imaginação provocar essa dôr. Nos sonhos e ainda em vigilia, a alma obra sobre o orgão e não este sobre ella.

Quanto a acção da intelligencia sobre a sensibilidade moral, he patente, visto que tem essa sensibilidade por antecedente necessario algum acto da

intelligencia, não são porem constantes as relações do sentimento com a idea; para fixar a lei desta relação, mister serião aturados estudos. Obra igualmente a vontade de modo mui visivel sobre a sensibilidade physica, e na môr parte dos phenômenos da sensibilidade moral. Prova-nos a esperiencia que a força da vontade neutralisa dôres a que cedem as almas fracas: torna-se isto mais sensivel na occasião d'epidemias em que a força ou fraqueza de caracter dá ou tira a vida a muitos dos contagiados pelo mal.

As paixões, bem que involuntarias a principios, encontrão em sua andadura a vontade que as pode ou conter ou favorecer, segundo se lhes resistir ou ceder As que tem o caracter de fatalidade por sua irresistivel energia não vencem a vontade se não por molleza ou negligencia.

Principiis obsta, sero medicina paratur
Quum mala per longas invaluere moras.

A Vontade.

A Intelligencia e a Sensibilidade dão origem a huma outra faculdade que he a Vontade.

O espirito humano não he só dotado de intelligencia pela qual conhece o justo e seos oppostos, e pela sensibilidade que experimenta o agradavel ou desagradavel que resulta de sua percepçao: pois tambem tem a faculdade pela qual resolve-se a abraçar ou rejeitar esses objectos. He pois a

Vontade a faculdade pela qual o espirito abraça hu-

ma determinação ou rejeita-a, ou antes hum objecto do que outro. Estes actos chamão-se volição e noliçao.

Se o espirito he determinado a abraçar ou rejeitar, de modo que nao possa deixar de o fazer, chama-se vontade necessaria. Mas se o faz de maneira que possa não faze-lo, chama-se vontade livre ou Liberdade.

Já se vê que a liberdade he huma perfeição da vontade; he a mesma vontade obrando senhora de si, e não escravisada a huma determinação qualquer. He essencial á Vontade livre a indifferença de passar á acto segundo depois de ter todos os requisitos que a constituem em seo acto primeiro completo.

Chama-se vontade de contradicção, considerada em quanto pode abraçar huma determinação ou não; de contrariedade, em quanto pode abraçar cousas oppostas, e de preferencia em quanto pode abraçar hum de varios objectos.

Espontaneidade he a força ou principio intrinseco das acções; entende-se tambem por espontaneidade os primeiros actos quer da intelligencia, quer da sensibilidade, quer da vontade; sem que nelles entre advertencia do espirito.

As faculdades do espirito humano não obrão separadamente. Assim he a vontade hum facto complexo, cujos elementos são posse do objecto, quer dizer, o conhecimento do objecto; deliberação á respeito, resolução e acção. Na posse entra a intelligencia; na diliberação, disperta-se a sensibilidade com a vista do bem ou do mal, a vontade procura-o ou evita-o, eis a determinação, que põe em exercicio todas ou parte das faculdades do espirito.

Directa e indirectamente se demonstra a liberdade do homem; directamente pelo testimunho da consciencia, e indirectamente pelas consequencias do principio opposto.

He facto incontestavel, que nossos actos nos parecem producto de nossa vontade; que quando nos resolvemos depois da deliberação, sabemos que esta determinação nos pertence, que a poderiamos tomar ou deixar de tomar, e que a nós imputamos a sem razão, se ella he opposta aos principios da moral, e o merito della quando he conforme com esses principios. Prova esta imputação a convicção em que estamos de que a determinação com o acto que se lhe seguio nos pertencem como propriedade. Neste ponto falla a consciencia claramente, e seo testimunho he irrecusavel: se tal testimunho fosse enganador, não acharíamos em nós meio para confundi-lo, e o erro a que elle nos arrastasse seria invencivel; ha evidencia de consciencia e verdade por conseguinte. O homem julga-se livre: he por tanto livre; pois se não o fora, seria mister admittir, que elle he o brinco d'huma força superior, que o entrega a huma illusão que lhe não he possivel reconhecer, o que implica contradicção com a idea de Deos, fonte de toda a verdade.

Se o homem não fosse livre, isto he, se todas as suas determinações fossem fataes como suas acções, não haveria lugar para lh'as imputar, nem para qualifica-las; serião impessoaes e indifferentes. A distincção entre bem e mal seria tão quimerica como a crença na liberdade. Os elogios dados á virtude, e os castigos infligidos ao crime implicarião logração e iniquidade.

O criminoso a quem a justiça pede conta de suas acções, poderia attribuir a responsabilidade a causa superior, de quem elle seria cego instrumento, e o juiz forçado a absolver nelle a necessidade, assim como absolve a loucura e o erro.

ORIGEM DAS IDEAS.

Origem de huma idea he o principio, donde vem essa mesma idea, que são as faculdades da alma postas em relação com os objectos, e na analyse das faculdades que havemos procedido, já ficárão desenvolvidas as fontes dos conhecimentos humanos, e só para maior clareza passamos a seguinte exposição.

Quando o espirito se dirige sobre si proprio, e conhece seo modo de existir, e os diversos phenomenos, de que he sujeito, obtem este conhecimento pelo exercicio da Consciencia.

Se o espirito medita o mundo physico, e percebe seos phenomenos, elle o pratica com auxilio dos Sentidos.

Alem destas cousas, conhece outras realidades objectivas, que não póde confundir nem comsigo, nem com o mundo physico externo: tempo, espaço, justo, absoluto, necessario, &c. e seos oppostos, todas estas noções são adquiridas pelas faculdades, que fazem o complexo do entendimento. O sujeito do pensamento se reconhece causa e substancia de suas noções, elle as transfere ao mundo exterior: applica a noção de causa á successão dos actos externos, e a de substancia aos phenomenos physicos. Por occasião

destes factos internos e externos, contingentes, finitos, relativos, se eleva as noções do infinito, do necessario e do absoluto, sendo taes factos a condição, a causa occasional dessas noções superiores.

Admittem todos os philosophos a consciencia como origem das ideas que lhe attribuimos; estão porem longe de convir acerca da origem das outras noções do espirito humano. Seguia a antiga Philosophia, para explicar a noção do mundo physico, a hypotese das especies ou imagens separadas dos objectos e presentes ao espirito: hypotese que por si mesma cahe. Alguns philosophos imaginárão, para resolver a difficuldade, que taes ideas são innatas ao nosso espirito. Mallebranche rejeitou as ideas innatas para dizer, que he o mesmo Deos que nô-las communica à proporção que os objectos materiaes se achão em nossa presença. O que he reduzir o espirito a ser meramente passivo.

As ideas que attribuimos ao entendimento não forão melhor explicadas. O systema que ás nega he refutado pela consciencia universal que as proclama; quanto ao que as ata aos sentidos, não lhe será facil fazer entender como o infinito, o necessario e o absoluto estão debaixo de suas vistas.

Divisão das ideas.

Classificão-se as ideas conforme seo objecto, sua origem, e sua natureza.

Consideradas em seo objecto são ou physicas ou moraes, ou metaphysicas; individuaes ou geraes; contingentes ou necessarias.

Consideradas em respeito á origem são, sensiveis, abstractas, facticias ou adventicias.

Consideradas em si mesmas ou em sua natureza são, claras ou escuras, completas ou incompletas, verdadeiras ou falsas.

A môr parte destas denominações por si mesmas se explicão:

São physicas aquellas ideas que tem por objecto o mundo material; moraes as que tem por objecto factos moraes, taes como paixões e sentimentos da alma; metaphysicas aquellas cujo objecto não cahe debaixo dos sentidos, nem da consciencia, taes como o tempo, e causa necessaria

Ideas individuaes as que tem o individuo por objecto; as geraes representão o genero ou especie. Cicero, Demosthenes, Roma, são ideas individuaes; homem, arvore, &c. são geraes.

Contingentes são aquellas cujo objecto pode ou não existir; necessarias aquellas cujo objecto nao pode deixar de ser: o tempo, espaço, causa, substancia e os axiomas de Mathematicas.

Dá-se o nome de sensiveis aquellas, cujo objecto conhecemos por meio dos sentidos; de abstractas ás que são produzidas pela abstracção, de adventicias ás que resultão da applicação directa do espirito ao objecto, ás que vem ter a nós já feitas; de facticias ás que são producto do trabalho ulterior e de combinações do pensamento.

He escusado explicar o que se entende por ideas claras ou escuras, completas ou incompletas, verdadeiras ou falsas.

Estas divisoes tiradas dos diversos aspectos do pensamento tem o inconveniente de se confundirem humas com outras. Assim huma idea não he ex-

clusivamente individual ou geral, por que pode ser ao mesmo tempo physica ou abstracta, facticia ou adventicia, &c. Assim pertencem as ideas á huma classe debaixo de certa relação, e a outra debaixo d'outra relação.

Distingue-se nas ideas extensão e comprehensão. A extensão se diz do numero d'individuos comprehendidos na classe, genero ou especie designada pelo vocabulo que exprime a idea; comprehensão he o elemento ou somma d'elementos intellectuaes que compõe a idea. Assim a extensão da idea homem, he toda a especie humana, e sua comprehensão forma-se das ideas elementares da vida, intelligencia, movimentos, organisação, &ç., cuja totalidade constitue a idea homem.

Diversos systemas do commercio da alma com o corpo.

He facto incontestavel que a alma obra e soffre por occasião da acção de causas externas sobre os orgãos da percepção externa, e sendo a alma huma substancia servida de orgão como se costuma definí-la, reconhecemos que o desenvolvimento de suas faculdades depende dos mesmos orgãos que lhe servem de instrumentos, bem como defendemos a simplicidade do Eu pelo testimunho da consciencia e natureza de suas operações. Por quanto (para dizê-lo de passagem) não pode qualquer substancia comparar e julgar sem que tenha duas ideas differentes ao mesmo tempo: se a alma fosse composta de partes, quando comparasse, ou teria as duas ideas em cada huma parte, ou huma

idea em huma parte, e outra n'outra parte. Não ha meio: se as duas ideas estiverem em cada huma parte, serão tantos os juizes, tantos eu, quantas forem as partes de que suppozermos a alma composta. Se porem estiverem separadas, impossivel será a comparação e qualquer juizo, a alma não seria dotada desta faculadade comprovada pela consciencia. . .

São portanto distinctos a alma e o corpo, estão porem unidos. Qual será o segredo desta união? O desejo de devassar este mysterio produzio muitos systemas, e levou a Philosophia ao vago terreno das hypoteses.

Os Materialistas e Idealistas acháraõ commoda solução, negando huns o espirito, outros a materia. Erguem porem os factos a voz contra tal negação. He tão impossivel reduzir o pensamento a pluralidade, como a extensão á unidade; são por tanto estes dous systemas exclusivos como não havidos.

Resta-nos quatro systemas para examinar: o das causas occasionaes proposto por Mallebranche, a harmonia preestabelecida de Leibnitz; o influxo physico d'Euler, e o mediador plástico de Cudworth.

Não admittem Mallebranche e Leibnitz communicação real entre alma e corpo. A acção simultanea destas duas substancias he, segundo Mallebranche, resultado d'huma harmonia que a causa primaria conserva constantemente; e segundo Leibnitz, o proseguimento ou continuação d'huma harmonia anteriormente estabelecida, e que tem de durar em quanto ambas as substancias estiverem associadas. Deos, diz o author deste systema, conhecendo todos os corpos

e todas as almas possiveis, associa huma alma com hum corpo cujas acções e affeições concordem com as dessa alma, sem que humas sejão causa de outras.

Tem estas duas hypoteses commum embaraço de negarem huma communicação attestada pelos factos e pelo universal consenso. Alèm de que, a de Mallebranche attribue a Deos hum officio administrativo bem vulgar, e a de Leibnitz difficultosamente se pode ajustar com a liberdade.

A hypotese de Cutworth não faz mais do que fugir da difficuldade sem a resolver; por que o seo mediador plastico metade materia e metade espirito, suppõe a fusão das duas substancias, (o que está em questão) be huma hypotese gratuita e alèm disso petição de principio.

Reconhecendo Euler a influencia physica, e real da alma sobre o corpo, deste sobre aquella, respeita o facto, mas não o explica.

ERRATAS.

Na pag. 5.ª, lin. 3.ª leia-se com, e na pag. 7.ª penultima lin. leia-se, visto que.

MARIANNA : TYP. EPISC. 1847. Rua da Olaria n.° 54.

8

ESQUELETO

DAS

FACULDADES E ORIGEM DAS IDÉAS

DO

ESPIRITO HUMANO

QUE

OFFERECE A SEOS DISCIPULOS

O

Conego João Antonio dos Santos Rego
D. João Bispo 1865
PROFESSOR DE PHILOSOPHIA DO SEMINARIO
EPISCOPAL DE MARIANNA.

Pertence Pertence

MARIANNA,
&
TYPOGRAPHIA EPISCOPAL
RUA DA OLARIA N. 34.

1847.

João Raymundo Ribeiro Moura
João Raymundo Ribeiro Moura

AO PUBLICO.

Havendo observado que todos os Compendios de Philosophia tradão as materias desta sciencia concordemente menos na parte psycologica, e que o Estudante do rançoso Genuense ou do velho Storchenau para ser matriculado nas nossas Academias deve dar seos 5000 rs. por hum Compendio do Geruzez ou de Ponelle só para apprender a theoria das Faculdades da alma, resolvi-me a publicar este "pequenino" trabalho, aonde alguma causa ha minha. Conheço a insignificancia do trabalho, não tive em vista a gloria á que em minha consciencia não me julgo com direito, offerecendo a meos Discipulos este opusculo.

D. João Bispo Lopes

JOÃO ANTONIO DOS SANTOS. 1865

De

João Raymundo Moura

ESQUELETO

DAS FACULDADES E ORIGEM DAS IDEAS DO ESPIRITO HUMANO.

FACULDADES.

Intelligencia, Sensibilidade, Vontade.

Ninguem duvida que a alma seja hum ente dotado de força, que he o que se denomina por sua actividade; e d'esta capacidade segundo a qual he ella impressionada pelos objectos, que para assim dizer, despertão a sua actividade e faz a sua passibilidade

As faculdades da alma se determinão segundo os factos diversos, que se lhe attribuem, ou que ella produz: e ao mesmo poder ou faculdade se referem todos os factos analogos.

A actividade se apresenta de tres modos differentes, a saber, o espirito percebe ou conhece os objectos; experimenta prazer ou pena com a sua presença; abraça-os finalmente oũ rejeita-os. Estes tres modos de obrar determinão na unidade da actividade tres faculdades distinctas, que são, a Intelligencia, a Sensibilidade, e a Vontade.

Não temos considerado a actividade como huma faculdade em particular, por quanto ella entra em todos os factos proprios da alma, que he activa, quando conhece, he activa quando sente; he activa finalmente quando quer. A actividade he o principio de todas as faculdades da alma, e não huma faculdade em especie: he hum attributo que convem a cada huma das faculdades.

A Intelligencia tem o primeiro lugar na genealogia das faculdades. Por quanto, ainda que a impressão dos objectos na alma seja primeira que qualquer advertencia do espirito, com tudo, como diz o antigo proloquio *Ignoti nulla cupido*, não ha sentimento, não ha prazer ou pena sem o conhecimento do objecto que o produz; e por consequencia não ha tambem vontade. E por que os sentimentos são os motivos que allicião a vontade, segue-se que esta deve occupar o primeiro lugar depois da sensibilidade ou o terceiro na ordem genealogica.

A Intelligencia.

Consciencia, Sentidos e Entendimento.

A Intelligencia se manifesta de diversos modos: assim a consideramos em diversas faculdades. Pois a Intelligencia não só conhece o eu e suas affeições, o que se denota pela expressão, mundo interno, mas tambem aquellas cousas que não são o eu e suas affeições, isto he, o mundo sensivel ou physico, e o mundo metaphysico que abrange nos seos dominios as cousas insensiveis.

A Intelligencia pois, em quanto nos dá o conhecimento do eu e suas affeições ou do mundo interno, chama-se consciencia: em quanto porem nos põe em relação com os objectos que não são o eu e suas affeições, isto he, com o mundo externo, chama-se percepção externa, que dirigindo-se ao mundo physico, toma o nome de faculdade dos sentidos ou simplesmente os sentidos, e levando-nos ao conhecimento do

mundo metaphysico, chamaremos intelligencia superior ou entendimento.

A Consciencia, os Sentidos, e o Entendimento põem o espirito ao liminar dos conhecimentos humanos; mas estas faculdades pouco adiantarião, nem farião a conquista das verdades sublimes, se não fossem auxiliadas pela Attenção e Abstracção, se a Generalisação não universalisasse seos factos, e se a Razão não estendesse seos dominios por meio de suas relaçoes; e se, finalmente, a Associação de ideas, e a Memoria não guardassem suas bellas conquistas, que subministrão á Imaginação elementos para novas creações.

Attenção.

A Attenção he a direcção da actividade para qualquer objecto.

Esta faculdade he a vida de toda a intelligencia; por ella he que nós nos inteiramos do estado da nossa alma e do mundo externo. Se a alma não dirige a sua energia aos objectos que a tocão, estes apenas lhes deixão leves vestigios. A falta de attenção he que constitue a fraqueza dos espiritos vulgares e superficiaes; e põe o pensamento a mercê de todos esses falsos luzeiros, desses fragmentos de verdades, ou desses erros que penetrão a intelligencia, servindo de base pera falsos juizos. A attenção pelo contrario reune todas as forças da intelligencia, garante os factos de todas as demais faculdades, e só se distingue dellas como o meio necessario para o seo desenvolvimento e perfeição. Por isso a não collocaremos como huma faculdade distincta.

A Reflexão he huma attenção continuada; e a Comparação he a Attenção levada a dous ou mais objectos ao mesmo tempo.

Abstracção.

A Abstracção he a faculdade que separa aquellas cousas que estão juntas.

A Attenção, e a Abstracção são duas faculdades inseparaveis e auxilião-se reciprocamente, por quanto o espirito sendo limitado, não pode abranger muitos objectos; necessita concentrar-se em huns retirando-se de outros.

Generalisação.

A Generalisação he a faculdade do espirito pela qual estendemos huma idea ou noção a huma classe inteira de entes ou de factos.

Abstrahir e generalisar são pois duas operações distinctas. Pode-se abstrahir huma quantidade sem á estender alem do objecto de que foi tirada. Se faltasse a Intelligencia a faculdade de generalisar, para ella não haverião se não individuos, toda a percepção seria individual. He pela generalisação que se sujeitão os individuos a huma classe, e os factos a huma ordem; he por ella que se formão as ideas ou noções geraes.

Razão.

A Razão he a faculdade pela qual o espirito descobre o nexo ou relação das cousas. O acto ou producto desta faculdade unindo ou separando dous termos da relação chama-se juizo; e toma o nome de

raciocinio, quando o espirito só descobre a conveniencia ou repugnancia dos dous termos depois de conhece-la com hum terceiro.

Esta faculdade depende das que temos descripto e de hum modo particular, da comparação que une os objectos de que a razão descobre as relações.

Memoria

A Memoria he a faculdade de conservar ou reconhecer as noções do espirito.

A alma não só tem o deposito, o thesouro dos conhecimentos adquiridos, ou sejão individuaes, ou percepções sensiveis; mas tambem das ideas metaphysicas, moraes e geraes; em summa, os productos de todas as faculdades do espirito. He por esta razão que lhe damos o lugar que occupa na arvore psycologica. Com tudo a memoria não he tão independente que não tire o seo poder da attenção e do exercicio que a fortifição.

Associação de ideas

A Associação de ideas he a faculdade pela qual o espirito une as ideas ou imagens.

A associação que pode ser espontanea ou natural, ou voluntaria, produz-se em virtude de relações naturaes ou arbitrarias: pelo que duas ideas associar-se-hão, se os seos objectos forem contiguos no mesmo espaço ou tempo; se representão relações de semelhança ou differença, ou se lhes ligamos o mesmo sentimento; ou finalmente se as palavras que as significão tem huma forma anàloga.

A Reflexão he huma attenção continuada; e a Comparação he a Attenção levada a dous ou mais objectos ao mesmo tempo.

Abstracção.

A Abstracção he a faculdade que separa aquellas cousas que estão juntas.

A Attenção, e a Abstracção são duas faculdades inseparaveis e auxilião-se reciprocamente, por quanto o espirito sendo limitado, não pode abranger muitos objectos; necessita concentrar-se em huns retirando-se de outros.

Generalisação.

A Generalisação he a faculdade do espirito pela qual estendemos huma idea ou noção a huma classe inteira de entes ou de factos.

Abstrahir e generalisar são pois duas operações distinctas. Pode-se abstrahir huma quantidade sem á estender alem do objecto de que foi tirada. Se faltasse a Intelligencia a faculdade de generalisar, para ella não haverião se não individuos, toda a percepção seria individual. He pela generalisação que se sujeitão os individuos a huma classe, e os factos a huma ordem; he por ella que se formão as ideas ou noções geraes.

Razão.

A Razão he a faculdade pela qual o espirito descobre o nexo ou relação das cousas. O acto ou producto desta faculdade unindo ou separando dous termos da relação chama-se juizo; e toma o nome de

raciocinio, quando o espirito só descobre a convenicncia ou repugnancia dos dous termos depois de conhece-la com hum terceiro.

Esta faculdade depende das que temos descripto e de hum modo particular, da comparação que une os objectos de que a razão descobre as relações.

Memoria

A Memoria he a faculdade de conservar ou reconhecer as noções do espirito.

A alma não só tem o deposito, o thesouro dos conhecimentos adquiridos, ou sejão individuaes, ou percepções sensiveis; mas tambem das ideas metaphysicas, moraes e geraes; em summa, os productos de todas as faculdades do espirito. He por esta razão que lhe damos o lugar que occupa na arvore psycologica. Com tudo a memoria não he tão independente que não tire o seo poder da attenção e do exercicio que a fortifição.

Associação de ideas

A Associação de ideas he a faculdade pela qual o espirito une as ideas ou imagens.

A associação que pode ser espontanea ou natural, ou voluntaria, produz-se em virtude de relações naturaes ou arbitrarias; pelo que duas ideas associar-se-hão, se os seos objectos forem contiguos no mesmo espaço ou tempo; se representão relações de semelhança ou differença, ou se lhes ligamos o mesmo sentimento; ou finalmente se as palavras que as significão tem huma forma anàloga.

Imaginação.

A Imaginação ou phantasia he a faculdade que reune em hum objecto novo ideas dispersas, como em hum typo novo traços tirados de diversas figuras.

He por esta faculdade que se formao os mais sublimes e os mais extravagantes compostos, que não tem typo exterior na natureza, nem outra origem tem o bello ideal e o grutesco.

A Sensibilidade.

Sob o nome de sensibilidade podem-se confundir tres ordens de factos distinctos, a saber: 1.° a impressão que os objectos fazem ao espirito; este facto chama-se sensação: 2.° o conhecimento do objecto: 3.° o prazer ou pena que sente a alma pela presença ou sensação do objecto. He para denotar este ultimo facto, ou a faculdade que o produz, que consagramos a palavra Sensibilidade. Por tanto Sensibilidade he a faculdade de gozar os prazeres ou penas tanto do corpo como do espirito e coração.

A alma não só experimenta huma impressão agradavel ou desagradavel por occasião de causas exteriores, obrando sobre os orgãos, segundo a natureza ou energia dessas causas, e esta sensibilidade chama-se physica; mas tambem sente prazeres ou dores pelas percepções do bello, do justo e seos contrarios, e dos actos do entendimento, e he a sensibilidade moral e intellectual.

A' sensibilidade se reduzem todos os affectos e paixões;

os sentimentos do prazer e da pena lhes servem de base.

Com quanto a intelligencia seja primeira a despertar a sensibilidade, esta tambem reage sobre aquella, e a vontade exerce igualmente poderosa acção sobre os phenomenos da sensibilidade.

A dôr physica tolhe, e até ás vezes suspende a existencia das faculdades da intelligencia; altérão as paixões o juizo, apagão ou avivão, conforme as circunstancias, a luz do entendimento.

Igualmente influem estas mesmas cousas sobre a vontade, e levão a actos que a razão desapprova, e ás vezes a sublimes sacrificios, impellem-nos para o mal ou ajudão para o bem, segundo a direcção dada ás forças da alma.

Obra a intelligencia directamente sobre a sensibilidade physica; chega ás vezes a suspender o exercicio desta, e por isso quando o espirito se acha fortemente preoccupado, quasi que completamente não senitmos as causas externas, que n'outros casos despertarião em nós a dôr ou o prazer: no extase, por exemplo, phenomeno raro, posto que real, a sensibilidade resiste ás mais fortes sollicitações. Tambem muitas vezes a intelligencia redobra a acção das causas physicas, chegando até ás vezes a suppri-las; assim vem a dôr a ser mais ou menos violenta na razão da idea que della haviamos feito, e ás vezes só a idea basta para a imaginação provocar essa dôr. Nos sonhos e ainda em vigilia, a alma obra sobre o orgão e não este sobre ella.

Quanto a acção da intelligencia sobre a sensibilidade moral, he patente, visto que tem essa sensibilidade por antecedente necessario algum acto da

intelligencia, não são porem constantes as relaçõés do sentimento com a idea; para fixar a lei desta relação, mister serião aturados estudos. Obra igualmente a vontade de modo mui visivel sobre a sensibilidade physica, e na mór parte dos phenômenos da sensibilidade moral. Prova-nos a esperiencia que a força da vontade neutralisa dôres a que cedem as almas fracas: torna-se isto mais sensivel na occasião d'epidemias em que a força ou fraqueza de caracter dá ou tira a vida a muitos dos contagiados pelo mal.

As paixões, bem que involuntarias a principios, encontrão em sua andadura a vontade que as pode ou conter ou favorecer, segundo se lhes resistir ou ceder As que tem o caracter de fatalidade por sua irresistivel energia não vencem a vontade se não por molleza ou negligencia.

Principiis obsta, sero medicina paratur
Quum mala per longas invaluere moras.

A Vontade.

A Intelligencia e a Sensibilidade dão origem á huma outra faculdade que he a Vontade.

O espirito humano não he só dotado de intelligencia pela qual conhece o justo e seos oppostos, e pela sensibilidade que experimenta o agradavel ou desagradavel que resulta de sua percepçao: pois tambem tem a faculdade pela qual resolve-se a abraçar ou rejeitar esses objectos. He pois a

Vontade a faculdade pela qual o espirito abraça huma determinação ou rejeita-a, ou antes hum objecto do que outro. Estes actos chamão-se volição e noliçao.

Se o espirito he determinado a abraçar ou rejeitar, de modo que nao possa deixar de o fazer, chama-se vontade necessaria. Mas se o faz de maneira que possa não faze-lo, chama-se vontade livre, ou Liberdade.

Já se vê que a liberdade he huma perfeição da vontade; he a mesma vontade obrando senhora de si, e não escravisada a huma determinação qualquer. He essencial á Vontade livre a indifferença de passar á acto segundo depois de ter todos os requisitos que a constituem em seo acto primeiro completo.

Chama-se vontade de contradicção, considerada em quanto pode abraçar huma determinação ou não; de contrariedade, em quanto pode abraçar cousas oppostas, e de preferencia em quanto pode abraçar hum de varios objectos.

Espontaneidade he a força ou principio intrinseco das acções; entende-se tambem por espontaneidade os primeiros actos quer da intelligencia, quer da sensibilidade, quer da vontade; sem que nelles entre advertencia do espirito.

As faculdades do espirito humano não obrão separadamente. Assim he a vontade hum facto complexo, cujos elementos são posse do objecto, quer dizer, o conhecimento do objecto; deliberação a respeito; resolução e acção. Na posse entra a intelligencia; na diliberação, disperta-se a sensibilidade com a vista do bem ou do mal, a vontade procura-o ou evita-o, eis a determinação, que põe em exercicio todas ou parte das faculdades do espirito.

Directa e indirectamente se demonstra a liberdade do homem; directamente pelo testimunho da consciencia, e indirectamente pelas consequencias do principio opposto.

He facto incontestavel, que nossos actos nos parecem producto de nossa vontade; que quando nos resolvemos depois da deliberação, sabemos que esta determinação nos pertence, que a poderiamos tomar ou deixar de tomar, e que a nós imputamos a sem razão, se ella he opposta aos principios da moral, e o merito della quando he conforme com esses principios. Prova esta imputação a convicção em que estamos de que a determinação com o acto que se lhe seguio nos pertencem como propriedade. Neste ponto falla a consciencia claramente, e seo testimunho he irrecusavel: se tal testimunho fosse enganador, não acharíamos em nós meio para confundi-lo, e o erro a que elle nos arrastasse seria invencivel; ha evidencia de consciencia e verdade, por conseguinte. O homem julga-se livre: he por tanto livre; pois se não o fora, seria mister admittir, que elle he o brinco d'huma força superior, que o entrega a huma illusão que lhe não he possivel reconhecer, o que implica contradicção com a idea do Deos, fonte de toda a verdade.

Se o homem não fosse livre, isto he, se todas as suas determinações fossem fataes como suas acções, não haveria lugar para lh'as imputar, nem para qualifica-las; serião impessoaes e indifferentes. A distincção entre bem e mal seria tão quimerica como a crença na liberdade. Os elogios dados á virtude, e os castigos infligidos ao crime implicarião logração e iniquidade.

O criminoso a quem a justiça pede conta de suas acções, poderia attribuir a responsabilidade a causa superior, de quem elle seria cego instrumento, e o juiz forçado a absolver nelle a necessidade, assim como absolve a loucura e o erro.

ORIGEM DAS IDEAS.

Origem de huma idea he o principio, donde vem essa mesma idea, que são as faculdades da alma postas em relação com os objectos, e na analyse das faculdades que havemos procedido, já ficárão desenvolvidas as fontes dos conhecimentos humanos, e só para maior clareza passamos a seguinte exposição.

Quando o espirito se dirige sobre si proprio, e conhece seo modo de existir, e os diversos phenomenos, de que he sujeito, obtem este conhecimento pelo exercicio da Consciencia.

Se o espirito medita o mundo physico, e percebe seos phenomenos, elle o pratica com auxilio dos Sentidos.

Alem destas cousas, conhece outras realidades objectivas, que não póde confundir nem comsigo, nem com o mundo physico externo: tempo, espaço, justo, absoluto, necessario, &c. e seos oppostos, todas estas noções são adquiridas pelas faculdades, que fazem o complexo do entendimento. O sujeito do pensamento se reconhece causa e substancia de suas noções, elle as transfere ao mundo exterior: applica a noção de causa á successão dos actos externos, e a de substancia aos phenomenos physicos. Por occasião

destes factos internos e externos, contingentes, finitos, relativos, se eleva as noções do infinito, do necessario e do absoluto, sendo taes factos a condição, a causa occasional dessas noções superiores.

Admittem todos os philosophos a consciencia como origem das ideas que lhe attribuimos; estão porem longe de convir acerca da origem das outras noções do espirito humano. Seguia a antiga Philosophia, para explicar a noção do mundo physico, a hypotese das especies ou imagens separadas dos objectos e presentes ao espirito; hypotese que por si mesma cahe. Alguns philosophos imaginárão, para resolver a difficuldade, que taes ideas são innatas ao nosso espirito. Mallebranche rejeitou as ideas innatas para dizer, que he o mesmo Deos que nô-las communica à proporção que os objectos materiaes se achão em nossa presença. O que he reduzir o espirito a ser meramente passivo.

As ideas que attribuimos ao entendimento não forão melhor explicadas. O systema que as nega he refutado pela consciencia universal que as proclama; quanto ao que as ata aos sentidos, não lhe será facil fazer entender como o infinito, o necessario e o absoluto estão debaixo de suas vistas.

Divisão das ideas.

Classificão-se as ideas conforme seo objecto, sua origem, e sua natureza.

Consideradas em seo objecto são ou physicas ou moraes, ou metaphysicas; individuaes ou geraes; contingentes ou necessarias.

Consideradas em respeito á origem são, sensiveis, abstractas, facticias ou adventicias.

Consideradas em si mesmas ou em sua natureza são, claras ou escuras, completas ou incompletas, verdadeiras ou falsas.

A môr parte destas denominações por si mesmas se explicão:

São physicas aquellas ideas que tem por objecto o mundo material; moraes as que tem por objecto factos moraes, taes como paixões e sentimentos da alma; metaphysicas aquellas cujo objecto não cahe debaixo dos sentidos, nem da consciencia, taes como o tempo, e causa necessaria.

Ideas individuaes as que tem o individuo por objecto; as geraes representão o genero ou especie. Cicero; Demosthenes, Roma, são ideas individuaes; homem, arvore, &c. são geraes.

Contingentes são aquellas cujo objecto pode ou não existir; necessarias aquellas cujo objecto não pode deixar de ser: o tempo, espaço, causa, substancia e os axiomas de Mathematicas.

Dá-se o nome de sensiveis aquellas, cujo objecto conhecemos por meio dos sentidos; de abstractas ás que são produzidas pela abstracção, de adventicias ás que resultão da applicação directa do espirito ao objecto, ás que vem ter a nós já feitas; de facticias ás que são producto do trabalho ulterior e de combinações do pensamento.

He escusado explicar o que se entende por ideas claras ou escuras, completas ou incompletas, verdadeiras ou falsas.

Estas divisões tiradas dos diversos aspectos do pensamento tem o inconveniente de se confundirem humas com outras. Assim huma idea não he ex-

clusivamente individual ou geral, por que pode ser ao mesmo tempo physica ou abstracta, facticia ou adventicia, &c. Assim pertencem as ideas á huma classe debaixo de certa relação, e a outra debaixo d'outra relação.

Distingue-se nas ideas extensão e comprehensão. A extensão se diz do numero d'individuos comprehendidos na classe, genero ou especie designada pelo vocabulo que exprime a idea; comprehensão he o elemento ou somma d'elementos intellectuaes que compõe a idea. Assim a extensão da idea homem, he toda a especie humana, e sua comprehensão forma-se das ideas elementares da vida, intelligencia, movimentos, organisação, &c., cuja totalidade constitue a idea homem.

Diversos systemás do commercio da alma com o corpo.

He facto incontestavel que a alma obra e soffre por occasião da acção de causas externas sobre os orgãos da percepção externa, e sendo a alma huma substancia servida de orgão como se costuma definí-la, reconhecemos que o desenvolvimento de suas faculdades depende dos mesmos orgãos que lhe servem de instrumentos, bem como defendemos a simplicidade do Eu pelo testimunho da consciencia e natureza de suas operações. Por quanto (para dizê-lo de passagem) não pode qualquer substancia comparar e julgar sem que tenha duas ideas differentes ao mesmo tempo: se a alma fosse composta de partes, quando comparasse, ou teria as duas ideas em cada huma parte, ou huma

idea em huma parte, e outra n'outra parte. Não ha meio: se as duas ideas estiverem em cada huma parte, serão tantos os juizes, tantos eu, quantas forem as partes de que suppozermos a alma composta. Se porem estiverem separadas, impossivel será a comparação e qualquer juizo, a alma não seria dotada desta faculadade comprovada pela consciencia. . .

São portanto distinctos a alma e o corpo, estão porem unidos. Qual será o segredo desta união? O desejo de devassar este mysterio produzio muitos systemas, e levou a Philosophia ao vago terreno das hypoteses.

Os Materialistas e Idealistas achárão commoda solução, negando huns o espirito, outros a materia. Erguem porem os factos a voz contra tal negação. He tão impossivel reduzir o pensamento a pluralidade, como a extensão á unidade; são por tanto estes dous systemas exclusivos como não havidos.

Resta-nos quatro systemas para examinar: o das causas occasionaes proposto por Mallebranche, a harmonia preestabelecida de Leibnitz; o influxo physico d'Euler, e o mediador plástico de Cudworth.

Não admittem Mallebranche e Leibnitz communicação real entre alma e corpo. A acção simultanea destas duas substancias he, segundo Mallebranche, resultado d'huma harmonia que a causa primaria conserva constantemente; e segundo Leibnitz, o proseguimento ou continuação d'huma harmonia anteriormente estabelecida, e que tem de durar em quanto ambas as substancias estiverem associadas. Deos, diz o author deste systema, conhecendo todos os corpos

e todas as almas possiveis, associa huma alma com hum corpo cujas acções e affeições concordem com as dessa alma, sem que humas sejão causa de outras.

Tem estas duas hypoteses commum embaraço de negarem huma communicação attestada pelos factos e pelo universal consenso. Alèm de que, a de Mallebranche attribue a Deos hum officio administrativo bem vulgar, e a de Leibnitz difficultosamente se pode ajustar com a liberdade.

A hypotese de Cutworth não faz mais do que fugir da difficuldade sem a resolver; por que o seo mediador plastico metade materia e metade espirito, suppõe a fusão das duas substancias, (o que está em questão) be huma hypotese gratuita e alèm disso petição de principio.

Reconhecendo Euler a influencia physica, e real da alma sobre o corpo, deste sobre aquella, respeita o facto, mas não o explica.

ERRATAS.

Na pag. 5.ª, lin. 3.ª leia-se com, e na pag. 7.ª penultima lin. leia-se, visto que.

MARIANNA : TYP. EPISC. 1847. Rua da Olaria n.º 54.